

THE INVISIBLE BATON



LIMIAR 1

O Bastão Invisível

Meu avô não sabia que um dia alguém escreveria sobre ele.

Meu pai não sabia que um dia alguém buscaria o significado de certas escolhas que ele fez.

Eu, por muito tempo, nem sequer sabia que existia uma história.

Achava que existiam apenas dias.

Dias normais.

Dias a atravessar.

Dias feitos de trabalho, problemas, clientes, responsabilidades, telefonemas, viagens, promessas cumpridas e outras que ficaram pendentes.

Como milhões de pessoas no mundo.

As grandes histórias são quase sempre contadas do modo errado.

Começam pelo fim.

Mostram o resultado.

Exibem o sucesso.

Transformam a vida numa linha reta que leva inevitavelmente de um ponto a outro.

A realidade não funciona assim.

A realidade é um conjunto de passagens invisíveis.

Ninguém vê o momento em que um pai ensina uma lição sem perceber.

Ninguém vê o momento em que um filho decide conservá-la.

Ninguém vê o momento em que um princípio atravessa uma geração e vai procurar outra.

E no entanto é justamente ali que nascem as histórias que duram.

Não nos holofotes.

No silêncio.

Por muitos anos pensei que o vínculo entre três gerações da minha família e a Gillette fosse simplesmente uma coincidência profissional.

Uma empresa.

Um trabalho.

Uma carreira.

Um percurso como tantos outros.

Depois o tempo começou a fazer aquilo que sabe fazer melhor.

Ligou os pontos.

Aproximou eventos que, quando acontecem, parecem isolados.

Construiu uma geometria invisível.

E lentamente entendi que o verdadeiro protagonista não era a empresa.

Era a continuidade.

Porque uma marca pode mudar.

Um mercado pode mudar.

Um produto pode mudar.

Até o mundo pode mudar.

Mas existem valores que atravessam tudo sem pedir permissão.

A disciplina.

A palavra dada.

A responsabilidade.

A dignidade com que se enfrenta o trabalho.

A ideia de que o próprio nome vale mais do que o próprio cargo.

Essas coisas não aparecem nos balanços.

Não aparecem nos currículos.

Não produzem manchetes de jornal.

Mas são os alicerces invisíveis sobre os quais se constrói uma vida.

Lembro-me de muitas pessoas encontradas ao longo do caminho.

Algumas extraordinárias.

Outras esquecidas.

Algumas poderosas.

Outras frágeis.

Com o passar dos anos notei uma coisa.

As diferenças externas eram enormes.

As diferenças interiores, muito menos.

Onde quer que eu fosse, em qualquer país em que trabalhasse, encontrava sempre homens e mulheres às voltas com as mesmas perguntas.

Como manter uma promessa.

Como proteger uma família.

Como enfrentar uma perda.

Como permanecer de pé quando seria mais fácil se render.

Como continuar.

Sempre e apenas isto.

Continuar.

Talvez seja por isso que esta história possa atravessar culturas diferentes.

Não porque fale de uma empresa.

Não porque fale de mim.

Mas porque fala de algo que todo ser humano reconhece.

A herança.

Não a econômica.

Não a material.

A invisível.

Aquela que passa de uma pessoa a outra sem necessidade de assinaturas.

Aquela que nenhum tabelião pode certificar.

Aquela que se manifesta numa decisão tomada no momento difícil.

Numa palavra mantida.

Num sacrifício aceito.

Numa renúncia cumprida sem testemunhas.

Quando eu era mais jovem pensava que o objetivo fosse chegar.

Obter.

Conquistar.

Vencer.

Hoje já não tenho tanta certeza.

Hoje creio que a verdadeira medida de uma vida seja outra.

O que resta quando o ruído termina?

O que sobrevive quando os títulos desaparecem?

O que continua a caminhar quando as pessoas já se foram?

A resposta que encontrei é simples.

Resta aquilo que transmitimos.

Resta aquilo que ensinamos sem perceber.

Resta o modo como tratamos os outros.

Resta aquilo que nos tornamos.

E resta o sangue.

Não o sangue biológico.

Não o sangue do parentesco.

O sangue como continuidade moral.

Como fio.

Como pertencimento.

Como memória em movimento.

Por isso esta história não começa com um produto.

Não começa com uma marca.

Não começa nem mesmo com uma pessoa.

Começa com uma passagem.

Um bastão invisível que atravessa o tempo.

De uma geração à seguinte.

De uma mão a outra.

De um nome a outro.

Três homens.

Três épocas.

Três percursos diferentes.

Um só fio.

Três lâminas.

Um só sangue.

E todo o resto vem depois.